

A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro

Ronaldo Helal

1. Introdução

Como tarefa precípua do projeto “Meios de Comunicação, Idolatria e Cultura Popular no Brasil”, apoiado pelo CNPq desde 1998, venho estudando a forma como são narradas na mídia as trajetórias de vida de ídolos do esporte, mais especificamente do futebol.

As narrativas das trajetórias de vida dos ídolos esportivos frequentemente focalizam características que os transformam em heróis, enquanto as dos ídolos da música ou dramaturgia, por exemplo, raramente salientam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e da música, se transformam em celebridades, porém, os primeiros são mais facilmente considerados “heróis”. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes (Campbell, 1995: 36). Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade.

Meu objetivo neste artigo é apresentar de forma sucinta alguns resultados do projeto “Meios de Comunicação, Idolatria e Cultura Popular no Brasil”. Concentro-me aqui nas “construções” das narrativas de duas biografias antagônicas de ídolos do futebol brasileiro: Zico e Romário.

2. Zico: trabalho e disciplina¹

Os êxitos dos ídolos despertam a nossa curiosidade. Suas trajetórias rumo à fama são “editadas” na mídia, enfatizando certos aspectos, relegando outros a um plano secundário e até mesmo omitindo algumas passagens. No Brasil, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso. Isto se torna ainda mais evidente nos universos das artes e dos esportes. A seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, por exemplo, é até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando sabemos que, na verdade, a comissão técnica daquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época². Já a seleção que conquistou o tetracampeonato em 1994 foi criticada por parte considerável da mídia justamente por se utilizar de uma “marcação forte” e uma rígida disciplina tática. Mesmo vencedora, o trabalho do técnico da seleção até hoje não foi reconhecido, como não foram também os trabalhos dos técnicos das outras conquistas até então³ (Rocha, 1996).

Qual a relação das idealizações que fazemos do sucesso dos ídolos com os “mitos” da cultura? Por que “construímos” narrativas que mitificam o êxito sem a ênfase no trabalho e no esforço? Por que frisamos sempre que o aluno que passou em primeiro lugar no vestibular levou “uma vida normal, namorando, indo à praia ou ao cinema” em vez de dizer que ele estudou 8 horas por dia? Por que falar em “esforço” seria um demérito neste país? Não existiriam também outros paradigmas de idealização de sucesso? E eles também não seriam vertentes brasileiras, apesar de pouco cultuadas? Estas questões vão permear as reflexões nesta parte que se propõe a analisar a idealização do sucesso na biografia de Zico.

Zico foi o maior ídolo do nosso futebol durante as décadas de 70 e 80 e estrela de uma geração de jogadores vitoriosos em seus clubes, mas que não lograram êxito em Copas do Mundo⁴. Figura muitas vezes contestada quando saía do universo clubístico, sua biografia fala da vitória através do trabalho e de uma sucessão de obstáculos e provações que ele teve que superar.

A análise concentra-se em duas biografias do atleta. Uma, *Zico: uma lição de vida* escrita por Marcus Vinícius de Bucar Nunes e publicada em 1986 pela Offset Editora Gráfica e Jornalística, portanto com o jogador ainda em atividade. A outra é *Zico conta a sua história*, escrita por ele mesmo e publicada em 1996 pela FTD, quando já era um bem-sucedido empresário do ramo futebolístico.

Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos dos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do fute-

bol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo. A biografia de Zico fala de uma realidade calcada primordialmente no predomínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito. É justamente esta faceta que gostaria de chamar a atenção, pois ela refuta uma ideologia de sucesso cultuada no imaginário brasileiro.

Temos na biografia de Zico uma ênfase inicial no passado relativamente pobre e no prazer e talento inato em jogar futebol que surgiram bem no início da infância.

Nasci numa rua chamada Lucinda Barbosa, em Quintino, um subúrbio do Rio de Janeiro (...) Minha mãe tem horror a hospital e por isso deu à luz em casa, com a ajuda de uma parteira amiga da gente – bem como Dona Matilde queria e como muita gente da vizinhança fazia naquele tempo. Sou o caçula de uma família numerosa (Zico, 1996: 7-8)

Futebol era o que mais me dava prazer na vida. Contam lá em casa que, depois de papai e mamãe, a primeira palavra que eu disse foi Dida – meu primeiro e até hoje meu maior ídolo no futebol (Zico, 1996: 12).

Geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento como característica inata. Nisto a biografia de Zico não se diferencia das dos demais astros do esporte e até mesmo da música e do teatro, por exemplo. Em outra ocasião (Coelho e Helal, 1996) verificamos as mesmas características nas biografias do lendário jogador de beisebol Babe Ruth e da cantora Tina Turner. A ênfase na boa formação familiar de Zico é, no entanto, bem diferente das narrativas de Babe Ruth e Tina Turner, já que ambos tiveram perdas terríveis na infância. O fato é que a infância simples ajuda na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares.

Ao dizer que Dida é “até hoje” seu maior ídolo no futebol, estamos diante do Zico reverente, e ordinário. É o extraordinário, juntando-se ao ordinário, ao “homem comum” que tem seus ídolos e os reverencia. De fato, os ídolos têm que conviver constantemente com o drama de ser dois: o homem e o mito. Como no futebol é comum o jogador possuir um apelido (pelo qual é conhecido e famoso) podemos dizer, por exemplo, que por detrás dos “homens” Edson, Diego e Arthur, surgiram os “super-homens” Pelé, Maradona e Zico. Notemos que esta “esquizofrenia” inerente ao ídolo ou essa divisão em duas personas, uma “público-mítica”, outra “privada-humana”, pode aparecer explicitamente nos discursos de

alguns deles como Pelé, por exemplo, que sempre frisou a diferença entre “Pelé” e o “Edson”.

A partir deste processo, comum em quase toda a narrativa da figura do herói, a biografia de Zico passa a privilegiar o esforço e o trabalho como determinantes para se atingir o sucesso. É o próprio Zico quem diz no prefácio do livro de Bucar Nunes, *Zico: uma lição de vida*:

Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão, sem se exercitar bastante e sempre, para o exercício dela. Afinal, não aprendemos que o maior merecimento dos vitoriosos é confiar, apaixonadamente, na eficácia do trabalho? Acho que isto deveria ser, sempre, o objetivo maior de cada um de nós: lutar por aquilo que se gosta (...) Mas, sem dúvida, muita luta, muito trabalho, muito suor existem no caminho da determinação de cada um.

Este é um discurso mais próximo da ética puritana das sociedades anglo-saxônicas, afastando-se do modelo “Malasartes” e “Macunaíma” que parte da mídia tende a cultivar no Brasil, especialmente no domínio do futebol. O estudo sobre a construção da figura de Romário, como veremos adiante, nos revela uma biografia muito mais próxima do modelo “Malasartes” e “Macunaíma”, exhaustivamente analisado por Roberto Da Matta (1979) que, inclusive, traz para o discurso acadêmico a narrativa do “malandro” como uma vertente tipicamente brasileira, corroborando, assim, a postura adotada por parte da mídia.⁵

A ascensão de Zico foi bastante gradual com muitos obstáculos no caminho, a começar pelo seu corpo franzino que quase o impediu de, aos treze anos de idade, fazer um teste no Flamengo. Por isso, logo após se firmar na escolinha, ele se submeteu a um árduo tratamento para reforçar a musculatura e que o levou a renunciar a vários prazeres próprios da adolescência. Este período de sua vida ganha uma dimensão singular em sua biografia. Mais do que dificuldades financeiras, comum nas histórias de vida dos astros do nosso futebol e que ajudam no processo de identificação com os fãs, esta passagem na vida de Zico fala de determinação, esforço e renúncia dando início a uma trajetória repleta de obstáculos rumo ao posto de estrela maior do futebol brasileiro.

O despertador tocava no horário habitual: 5h30m da manhã. Com a roupa do Colégio e devidamente alimentado com um café da manhã reforçado, partia para o ponto de ônibus ou para a estação de Quintino. A primeira parada de ônibus ou do trem era a Central do Brasil. Daí à Gávea (...). Chegava cerca de meia hora antes do treino, que iniciava às 9 horas. Mais ou menos às 11 horas estava deixando o campo número dois do Flamengo. Um banho rápido, al-

moço lá mesmo na cantina da Gávea, e pé na estrada, rumo à cidade, porque às 12h30m as aulas estavam começando (...) Às 5 da tarde, no final da aula, tinha que tomar outra condução. O destino era, novamente a Zona Sul da cidade onde, na Academia Paula Ribeiro, treinava firme até às 8 horas da noite. No retorno para Quintino, aí pelas 9 da noite, mesmo passando pela Central do Brasil para a tradicional “conexão”, o trânsito, facilitado pelo horário, era mais rápido: por volta das 10h30m da noite estava chegando em casa. Banho, um capricho na última alimentação do dia, e pumba... APAGAVA (Bucar Nunes, 1986: 38).

Bucar Nunes afirma ainda que ele “tinha orgulho do seu autocontrole, da sua determinação, em busca do seu objetivo” (Bucar Nunes, 1986: 32). E o próprio Zico ao se lembrar daquela rotina faz a seguinte reflexão: “Anos depois, quando sofreu aquela contusão no joelho, alguém iria me dizer que na vida a gente precisa de duas coisas: paciência e memória; e precisa de memória principalmente para lembrar que precisa ter paciência” (Zico, 1996: 26).

Este tratamento a que se submeteu ainda bem jovem fez com que Zico ficasse conhecido no início da carreira como “craque de laboratório”. Ou seja, de um planejamento “científico”, com a ajuda de médicos, nutricionistas e modernas técnicas e aparelhos de educação física, surgiu uma grande estrela do futebol. Era o racional, o objetivo e o matemático unindo-se ao lúdico, ao talento e à improvisação. É interessante notar, no entanto, que apesar das biografias enfatizarem positivamente a dedicação de Zico a este trabalho “científico”, à época a alcunha “craque de laboratório” era utilizada, muitas vezes, de forma pejorativa, significando um craque não genuíno, fugindo das características “artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol⁶.

O que se evidencia é que o mito Zico surge ancorado primordialmente em características de sua personalidade. Brandão (1993: 23) fala de “honorabilidade pessoal”, “excelência” e “superioridade em relação aos outros mortais” como virtudes inerentes à condição do herói. A “superioridade” de Zico encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios e os obstáculos que a vida impõe do que em seu talento extraordinário para o futebol. Neste sentido, a narrativa em torno de Zico enquadra-se no rol dos arquétipos universais dos heróis. Ela nos mostra que não basta o ato heróico em si, de forma isolada – no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos – tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo – para se firmar no posto⁷. E Zico os preenche com bastante eficácia.

As biografias de Zico destacam os constantes desafios que ele superou com “armas” da sua personalidade para lograr êxito. Campbell (1990: 133-134) explica que as “provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente

ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?” As provações na carreira de Zico começaram bem cedo. Depois do problema do corpo franzino, Zico sofreu uma grande decepção ao não ser convocado para as Olimpíadas de 1972. Seguindo o conselho do próprio técnico da Seleção Olímpica, Zico, que em 1971 já começara a jogar entre os profissionais, voltou para os juvenis a fim de ser convocado para as Olimpíadas que se realizariam no ano seguinte. A convocação não veio e ele, a princípio, reagiu de forma “ordinária”, com sentimento de revolta, decepção e muito abatimento: “alguma coisa, uma espécie de confiança nos outros, na justiça do mundo, tinha se desfeito. A seleção havia se classificado para os Jogos Olímpicos com um gol meu, eu confiara na promessa de convocação. Fiquei muito abatido e só pensava em largar o futebol” (Zico, 1996: 33-34). No entanto, esta “derrota” contribuiu ainda mais para sua obstinação: “a primeira semana de treino foi melancólica. Dura de chegar ao fim. Mas já na semana seguinte, ao lembrar da não convocação, treinava com mais garra ainda, transformando toda a sua revolta íntima em energia positiva para treinar” (Bucar Nunes, 1986: 52).

Ainda assim, mesmo com toda esta dedicação e cada vez mais aprimorando a sua técnica, Zico levou um tempo para ser firmar na equipe profissional do Flamengo. Os técnicos temiam pelo seu corpo ainda franzino e ele passou o ano de 1973 no banco de reservas do time principal sendo escalado em diversas posições durante as partidas. Contudo, até deste fato Zico tirou algo de positivo enfatizando que aprendeu a jogar em todas as posições do ataque, o que o tornou ainda mais versátil e completo para o futebol moderno (Bucar Nunes, 1986: 61 e Zico, 1996: 36).

A oportunidade para vir a ser titular da equipe veio em 1974, quando o técnico dos juvenis – que tinha sido campeão com Zico e que, portanto, conhecia todo o seu potencial – assumiu o comando do time profissional. Mais uma vez, uma surpresa: início do primeiro treino com o novo técnico no comando e Zico estava escalado na reserva. No entanto, este fato serviu para despertar definitivamente o espírito guerreiro e desenvolver o senso de profissionalismo: “agora a vontade maior era mostrar, imediatamente, a si próprio, que não iria faltar garra para dar a volta por cima mais uma vez. Com satisfação ou não, era profissional e estava ali para treinar” (Bucar Nunes, 1986: 63). O resultado foi que marcou dois “gols belíssimos” e os reservas venceram por 3 a 1 (Bucar Nunes, 1986: 64). Estava conquistada, de forma sofrida, a posição de titular. Deste momento em diante, Zico mitifica a camisa 10 do Flamengo, conhece a fama e transforma-se em um grande ídolo. Tudo isso, porém, em um caminho cheio de obstáculos e provações. Conforme ele mesmo diz:

Por toda a minha carreira, enfrentei diversas tentativas de desacreditar meu futebol. Já disseram que eu só era bom jogador no Maracanã, que não sabia jogar na seleção, que não suportava marcação à européia, e mais dezenas de acusações às quais respondia jogando (Zico, 1996: 45).

Aprendi com meu pai a respeitar meu trabalho e a valorizar o que consigo com meu esforço. Todo dia tínhamos que treinar finalizações e passes. São nossos instrumentos de trabalho (...) Eu me habituei a ser o jogador mais cobrado. Estava em evidência o tempo todo, era minha responsabilidade, inclusive, dar o exemplo de dedicação e profissionalismo, não faltar aos treinos sem motivo justo, não perder vãos nem horários (...) Eu queria fazer carreira, queria ser o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores. Então, isso tinha um preço, havia responsabilidades incluídas nesse objetivo (Zico, 1996: 56-57).

Referindo-se a um episódio ocorrido na vida de Zico em 1979, Bucar Nunes destaca de forma emblemática:

E foi com absoluta convicção que ele pôde comprovar, mais uma vez, que o TRABALHO com DETERMINAÇÃO é o capital que menos falha (...) Os comentários, apesar do sucesso do Flamengo e dos gols fora de série, que surgiam a cada partida, eram maldosos. Principalmente em relação aos jogos internacionais (...) Estava mostrando ao mundo que tinha condições de estar entre os melhores porque tinha trabalhado com afinco, desde criança, para vencer na sua profissão (Bucar Nunes, 1986: 110-114). (Os destaques são do autor)

O que se verifica na biografia de Zico é a construção de uma narrativa na qual uma série de obstáculos, perdas e fracassos são sempre acompanhados de uma história de muito trabalho, determinação e profissionalismo: “nada acontece por acaso e para todas as coisas há um preço. Em qualquer atividade, treinamento e persistência são fundamentais” (Zico, 1996: 125). Dentro da explicação de Umberto Eco (1979) sobre o fascínio que o mito do super-homem exerce sobre nós, podemos dizer que do Zico “humano” – e as perdas das Copas do Mundo contribuíram para dar um tom ainda mais “humano” à sua biografia – surge um ser “extraordinário” que através de muito treino, trabalho e esforço superou obstáculos e atingiu a glória.

Assim, a biografia de Zico ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria

nas narrativas, por assim dizer, “oficiais” – nas quais a mídia é o instrumento legitimador – no Brasil. Aqui, temos frequentemente um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes”. Chamo a atenção para o fato de que a biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão “oficial”, também é uma vertente brasileira. Mesmo que a maioria dos modelos de idolatria em nossa sociedade enfatize um padrão mais próximo do que “essencializamos” como sendo tipicamente brasileiro, há espaço para outras narrativas mais universalistas, mas que nem por isso deixam de ser também brasileiras.

*3. Romário: malandragem e irreverência*⁸

Nesta parte, investigo a forma como vem sendo construída na mídia a figura de Romário. O material analisado concentra-se em dois períodos emblemáticos da trajetória do atleta rumo ao posto de herói da seleção brasileira: a) partida entre Brasil e Uruguai nas eliminatórias para a Copa de 1994 (uma semana antes da partida e uma semana após); e b) Copa do Mundo de 1994 (uma semana antes do início da Copa até duas semanas após a conquista)⁹. A escolha destes períodos para a análise que se segue deve-se ao fato deles marcarem peremptoriamente o lugar de Romário no rol dos heróis do futebol brasileiro.

De certa forma, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam características semelhantes. Campbell (1995:15), por exemplo, afirma que “é sempre com a mesma história – que muda de forma e não obstante é prodigiosamente constante – que nos deparamos”. No entanto, apesar das semelhanças, algumas diferenças são observadas e, por isso mesmo, merecem ser sublinhadas.

Na análise da biografia de Zico ficou evidente tratar-se de um modelo mais próximo do herói clássico. Estávamos diante de uma narrativa que enfatiza a superação constante de vários obstáculos e a vitória conquistada primordialmente com muito trabalho e disciplina. No entanto, ali mesmo alertávamos para o fato desta biografia ser antagônica ao modelo de herói mais predominante no Brasil. O diferencial nas narrativas brasileiras centra-se justamente na ênfase da conquista através da “genialidade”, “irreverência” ou “malandragem”. E os recursos acionados pela mídia na construção da figura de Romário enfatizam estes atributos “essencializados” como “tipicamente brasileiros”.

Notemos ainda que a trajetória de Romário rumo ao estrelato coincide justamente com o encerramento da carreira de Zico, em fevereiro de 1990. Apesar de polêmico e de ter suas atitudes criticadas por muitos, Romário foi, durante a década de 90, o atleta de futebol mais festejado pela mídia e torcida brasileira. A consagração maior de Romário veio com a conquista da Copa do Mundo de 1994 e a trajetó-

ria do jogador neste período é rica em elementos que servem como chave para uma compreensão do fenômeno da idolatria na cultura brasileira.

Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, chegou um momento em que a seleção brasileira precisava vencer a do Uruguai para garantir sua vaga. Romário, que tinha sido afastado da seleção em dezembro de 1992, por ter se recusado a ficar na reserva em uma partida amistosa contra a Alemanha, é convocado pelo então técnico Parreira para a partida decisiva. Na época, havia dúvidas entre os integrantes da comissão técnica com relação à convocação do atacante, por conta de problemas disciplinares. No entanto, sob forte pressão da mídia e de torcedores e devido aos resultados pouco convincentes da seleção, Parreira decide convocá-lo para a partida contra o Uruguai.

Romário retorna, desta feita, com a missão de salvar a seleção de uma possível eliminação. Monta-se, assim, o palco para uma trajetória pontuada por lances que nos remetem, por um lado, à saga clássica do herói e, por outro, ao “tipo ideal”¹⁰ de herói brasileiro.

A manchete da seção de esportes de O Globo de 8 de setembro de 1993 estampava: “Os uruguaiois que se cuidem”. Era uma alusão à chegada de Romário e o texto desta matéria enfatizava o retorno do “verdadeiro futebol brasileiro” à seleção. Em um *box* no canto da página temos uma reportagem com o título “Um craque indisciplinado desde as seleções amadoras” em que são lembrados, em ordem cronológica, vários atos de irresponsabilidade e indisciplina do jogador. No entanto, a matéria ameniza os atos ressaltando os gols do atleta. Ou seja, temos aqui o exemplo do “desempenho” como categoria que possibilita a redenção do atleta. Na página seguinte, uma entrevista com o jogador que diz em um determinado momento: “sei que sou bom e estou em boa fase (...) Eu sempre soube fazer gols e isso é o que todo mundo quer. Em 13 jogos no Barcelona já fiz 17 gols. Na Holanda, em 142 jogos fiz 148 gols. Por isso eles gostam de mim”. Este excesso de confiança e individualismo que costuma ser interpretado como arrogância e egoísmo, é amenizado em uma nota que destaca os atos altruístas de Romário, como por exemplo, a preocupação de ajudar parentes e amigos.

Curioso notar que esta “sinceridade” em se achar bom não é uma atitude muito comum no Brasil. Roberto Da Matta (1977), por exemplo, já tinha sublinhado o fato de que, diferente da sociedade americana, dificilmente um brasileiro se diz bom em alguma coisa. A falsa modéstia é uma vertente muito mais recorrente em nossa cultura. Romário consegue com esta faceta de sua personalidade confundir e até mesmo polemizar com aqueles que o idolatram¹¹.

Desde sua chegada, o noticiário esportivo produziu um número expressivo de matérias sobre seu passado e sua “missão redentora”. A ênfase freqüentemente recaía na “malandragem” unida à competência do atleta em fazer gols. No dia 12 de setembro de 1993, O Globo estampava na página de esportes “O pequeno e travesso

Romário”. No texto da matéria, uma menção do pai de Romário reforça o estereótipo de “marrento” como algo nato, que já nasceu com o jogador: “já era um baixinho invocado – lembra seu Edevair”. “Marrento” e “invocado” falam de uma característica de se envolver em brigas, confusões, ter um temperamento “tinhoso”, “difícil”. Na mesma edição, temos um box com o sugestivo título “Brigas, nunca mais”, em que Romário se diz amadurecido e ter aprendido muito com as “confusões” que se envolveu ao longo de sua carreira.

Os recursos acionados pela mídia nesta construção vão formando um personagem singular, “irreverente”, de “temperamento difícil”, mas amadurecido, sabendo dosar o lado “marrento”. Ou seja, sabendo ser “malandro”, não confrontando-se mais de frente com as forças do sistema, mas caminhando na fronteira entre a ordem e a desordem¹².

De forma emblemática a matéria com a manchete “Um príncipe do futebol-moleque” (O Globo, 13/09/1993) inicia da seguinte forma:

Irresponsável. Irreverente. Irrequieto. Egoísta. Debochado. Abusado. Explosivo. Quase uma bomba que tem pernas. Autoritário. Radical. Parece o dono do mundo. Talentoso. Rápido. Craque. Artilheiro. Faz gol como quem brinca. Baixinho. Pernas arcadas. Língua presa. Biotipo plebeu para um príncipe do futebol-moleque: Romário.

As primeiras características apontadas no texto nos remetem a uma personalidade negativa, de certa forma repudiada pela sociedade. No entanto, logo a seguir surgem as características positivas de “brasilidade”: artilheiro, craque, “faz gol como quem brinca”, reforçando assim o lado “lúdico”, “alegre”, “criança” e “ingênuo” de Romário. E mais adiante, como que para amenizar os atributos negativos apontados no início do texto temos o seguinte:

Mas há nele um lado altruísta. Desde a típica primeira atitude do generoso garoto pobre que sobressai no futebol – adquirir uma casa para a família – até a defesa de companheiros que mal conhece, como um episódio em que comprou a briga do então pouco famoso Lira com o técnico Lazaroni, no Vasco, em 1987.

O altruísmo se confronta assim com o egoísmo e o individualismo, compondo um personagem dúbio, mas que, no entanto, torna-se coerente com a destreza e habilidade do jogador em superar dificuldades no campo de jogo. Apesar da ênfase do tipo “sou bom” ou “sou o melhor”, repetida por Romário em diversas entrevistas, as conquistas no terreno futebolístico, ainda mais em uma Copa do Mundo, são

compartilhadas com os torcedores. Ou seja, independente das ações altruísticas de Romário fora de campo, vez por outra noticiada na mídia, suas conquistas, em termos de seleção, serão sempre as de todos os brasileiros.

Notemos também que o elemento de “picardia” é louvado como o retorno do que convencionamos chamar no Brasil de “futebol-arte”. Esta é uma discussão que começou na Copa de 1958, quando a seleção brasileira enfrentou o chamado “futebol-científico” da então União Soviética. De lá para cá, a dimensão dada a esta oposição tornou-se singular para se entender o fenômeno futebolístico no país e sua correlação com a cultura. Atentemos para o fato de que quando estamos diante de campeonatos locais e nacionais, a discussão entre “arte” e “força”, torna-se secundária e a ênfase no discurso da vitória recai sobre elementos tais como “união”, “conjunto” e “determinação”. Ocorre que a seleção brasileira tem o poder de se transformar em metáfora da nação, na “pátria de chuteiras”, como muito bem alcinhou o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues décadas atrás¹³. Aqui, principalmente em Copas do Mundo, tendemos a valorizar o lado mais estético, alegre, criativo, e “artístico” do futebol, como sendo características típicas da sociedade brasileira.

Assim, no dia 15 de setembro daquele ano, a matéria com o título “Irreverência e habilidade na Granja. É Romário” apresenta, logo de início, o sugestivo texto: “o mesmo jeito relaxado, de pouco empenho e até uma certa má vontade no aquecimento. Na hora da bola rolar, malícia, habilidade e competência”. Malícia e habilidade se sobrepondo ao treino e à preparação física. Como a seleção não vinha apresentando um futebol considerado “arte” pela mídia – em várias reportagens anteriores comentava-se que estava faltando “alegria”, “picardia”, enfim “malandragem” na seleção – o retorno de Romário tornava a seleção mais “brasileira”. Ou seja, Romário aparece como o elemento capaz de nos fazer reconhecer no futebol da seleção.

No primeiro treino para a partida decisiva, o noticiário ressalta o entrosamento da dupla Romário-Bebeto, mas sempre enfatizando o lado “malandro” do primeiro. Em outra matéria publicada no mesmo 15 de setembro, sob o título “Dez para a dupla diabólica” temos o seguinte destaque: “Romário, com jeito moleque, disse que nem sabia quantos gols tinha feito (marcou três...)”. Em um *box* com o título “Romário, um craque até na arte de provocar risos” temos a seguinte declaração do atleta: “antes eu era o problemático, o polêmico... salvador da pátria, vai ser mole para mim” e ainda falando sobre o adversário: “não sei o nome de nenhum zagueiro, nem quero saber. Para mim, com líbero ou cinco laterais é a mesma coisa. O único que me chateia é o goleiro, que tira os gols da gente”.

A ciência que Romário tem de seu papel assemelha-se ao início da saga clássica do herói que atende ao chamado e parte em busca da missão redentora (Campbell, 1995 e Brandão, 1993). Porém, Romário age com uma boa dose de picardia ao tratar da missão como algo fácil e encarar os adversários com ar de deboche, nos fazendo

lembrar de Garrincha, “a alegria do povo”, o herói brasileiro cuja biografia antagonizava com a de Pelé na década de 1960¹⁴.

Veio a partida contra o Uruguai e Romário, autor dos dois gols da vitória por 2 a 0, “veste” a capa do “herói”, do “redentor”, do “salvador”, daquele que “ouviu o chamado, partiu para a missão e saiu-se bem sucedido, dividindo o feito com seus semelhantes” (Campbell, 1995).

No dia seguinte à partida a manchete da edição de esportes de O Globo estampava “O show de Romário” com o seguinte texto:

O futebol agradece a Romário. Os torcedores santificam Romário. Zagalo aplaude Romário. Bebeto quase chora ao lado de Romário. O mundo se rende a Romário. Não é exagero... O pequeno atacante do Barcelona cumpriu tudo o que prometera durante a semana. Fez os dois gols da vitória por 2 a 0 sobre o Uruguai (...) e deu autêntico show, ontem no Maracanã, para delírio de mais de cem mil torcedores (...) Romário é craque. Romário é arte. Romário é gol (...) O indisciplinado, rebelde, irreverente, o atrevido baixinho nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha provou que sua arte dentro do campo compensa seus eternos problemas e até a má vontade para treinar (O Globo, 20/09/93).

A promessa tinha sido cumprida, o Brasil vencera o Uruguai com dois gols de Romário e estava classificado para a Copa do Mundo de 1994. A narrativa enfatiza a conquista com “show” e “arte”, atributos que redimem Romário das “indisciplinas”, do “atrevimento” e da “má vontade para treinar”. Contribuindo para a construção da narrativa mítica, o texto diz que “o mundo se rende a Romário”, ressaltando no final tratar-se de um “atrevido baixinho nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha”. A ênfase na origem pobre é uma constante em quase todas as narrativas das biografias de nossos heróis futebolísticos. Não que esta origem não corresponda à realidade. Certamente ela é verdadeira. Estou chamando a atenção para a dimensão dada a ela. E, neste sentido, a narrativa mítica em torno da biografia de Romário assemelha-se a de quase todos outros heróis do nosso futebol.

Porém, a construção da biografia de Romário é também pontuada por passagens que “glamourizam” a malandragem, a irreverência, o deboche e o relaxamento (não gostar de treinar). É como se estivéssemos diante da vitória construída somente com talento e arte, como se trabalho, concentração, determinação e esforço fossem elementos dispensáveis para o êxito. E é neste sentido que a biografia de Romário antagoniza com a de Zico.

Durante a Copa do Mundo de 1994, a pressão sobre Romário vai ganhando um novo contorno: o atleta deveria, além de ganhar a Copa, fazer a seleção jogar o “verdadeiro futebol brasileiro”. Descontentes com o esquema tático utilizado pelo

técnico da seleção, jornalistas e colunistas não poupavam críticas à forma de se apresentar da seleção. Romário passa a ser visto como o jogador capaz de resgatar a “brasilidade” na seleção. Além disso, Romário, volta e meia, desafiava a comissão técnica dando declarações de insatisfação com as apresentações da seleção. Ele passou, assim, a ter voz e um espaço considerável na mídia¹⁵.

Uma semana antes da estréia contra a Rússia, o noticiário se voltava para Romário dividindo-se em relatos de seu temperamento rebelde e de sua consciência da missão que lhe era atribuída: ganhar a Copa¹⁶. A rebeldia é tratada de forma positiva como, por exemplo, na matéria “A dura missão de Dunga: domar o irreverente Romário” (O Globo, 16/06/94). Aqui, o texto destaca declarações de Dunga de que Romário está amadurecido, mais consciente de seu papel na seleção. Interessante notar que é justamente Dunga, o emblema do jogador limitado tecnicamente, mas que se “esforça” o tempo todo e cumpre à risca as determinações táticas, quem tem autoridade para falar de Romário. O jogador que tinha sido marcado negativamente na Copa de 1990 – “Era Dunga”¹⁷ – como o exemplo do futebol que o Brasil deveria execrar, surge como o atleta que tem a missão de “domar o irreverente Romário”. Dunga está para a “ordem”, assim como Romário está para a “desordem”. Ou seja, temos aqui de forma paradigmática a convivência da “ordem” com a “desordem”. E mais ainda a evidência do freqüente processo de redenção que o universo esportivo nos oferece¹⁸, já que Dunga teria a oportunidade de se redimir da fama que lhe impuseram na Copa anterior.

Após a vitória na estréia contra a Rússia por 2 a 0, a manchete da seção de esportes de O Globo dizia “Vila da Penha 2 x 0 Kremlin” com o seguinte texto: o Kremlin se rendeu à Vila da Penha do baixinho invocado: a estréia da seleção, uma maiúscula vitória por 2 a 0 sobre a Rússia, foi o jogo de Romário”. Mais uma vez, a mídia recorre a elementos ligados à origem pobre.. A ciência da missão de ganhar a Copa é enfatizada em “O gênio da área – Romário diz que apenas começou a jogar” (O Globo 22/06/94) com a seguinte declaração: “o gol na estréia foi só o começo. Já disse que esta Copa é minha”¹⁹.

A partir daí o que temos é uma sucessão de declarações de Romário dizendo que “vai ganhar a Copa para o Brasil”,²⁰ e manchetes e textos que enfatizam sobremaneira a “brasilidade” de seu futebol. Partida após partida, estas matérias vão se repetindo e terminam por “construir” um personagem heróico, com os atributos daquilo que “essencializamos” como sendo “tipicamente brasileiro”. Assim, em “Romário, o nome do tetra verde e amarelo” (O Globo, 18/07/93) temos o seguinte:

O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida

de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA... o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial (...) A fala cheia de gírias, os dribles que derrubam a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade – dribles de uma petulância só admissível nos campinhos da Vila da Penha. Romário é assim. Já disse que, para ele, qualquer jogo é uma pelada em seu subúrbio. O que faz lembrar um atacante de pernas tortas, campeão do mundo, que chamava todos os laterais de João (...).

Fecha-se, assim, um círculo iniciado com a convocação de Romário para a partida contra o Uruguai pelas eliminatórias da Copa do Mundo. O “indisciplinado” Romário, através do excepcional talento, venceu a “disciplina” – “os dribles derrubando a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade”. A origem humilde somada à “fala cheia de gírias” conferem o caráter de brasilidade ao herói. Na edição “midiatizada” evidencia-se ainda um discurso do futebol como metáfora da nação bem como da junção do indivíduo com o coletivo: “ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial”. A vitória de Romário é a de todos nós e a referência à Garrincha ao final do texto, contribui ainda mais para conferirmos características de “brasilidade” – bem ao estilo Macunaíma – do novo herói.

Na edição da biografia de Romário como o herói da conquista da Copa do Mundo de 1994, os recursos acionados pela mídia construíram um personagem singular na nossa cultura. Quando falamos de Romário, apesar de dividir mais opiniões do que Zico,²¹ estamos lidando com as “essencializações” que fazemos de nós mesmos, como seres mais “irresponsáveis”, “irreverentes” e “indisciplinados”, com tudo de bom e de ruim que estes atributos carregam. A biografia de Romário lida com aspectos mais impregnados em nosso imaginário, não ficando restritos à sua biografia. Os atributos ressaltados na sua biografia são os mesmos que destacamos na representação que fazemos de nós diante de um estrangeiro²².

Tanto a narrativa da biografia de Zico quanto a de Romário, seja na imprensa ou nos livros, contêm informações “verdadeiras”. Porém, trata-se, em ambos os casos, de uma edição dos fatos e, neste sentido, certos aspectos são super dimensionados enquanto outros são relegados a um plano secundário. A eficácia da edição ancora-se, no entanto, nos discursos e ações dos próprios atletas em questão. E como ambos são consumidores da mídia e enquanto sujeitos psicológicos incorporam as “realidades” ali “construídas”, eles passam a agir e a fazer declarações inseridas no contexto criado que, por sua vez, tem que estar relacionado a um contexto existente na sociedade. Assim, as narrativas das trajetórias míticas em torno das figuras de Zico e Romário falam de dois modelos antagonísticos de heróis e nos mostram que as construções de suas biografias fazem parte de uma relação dialética

e dinâmica entre as ações dos “objetos mitificados” – Zico e Romário – e o contexto social – o Flamengo das décadas de setenta e oitenta e a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994.

Ronaldo Helal
Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Notas

1. Uma versão ampliada da análise da biografia do Zico encontra-se em “As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro”. In: *Logos* n° 10, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999. Posteriormente foi publicada, com algumas modificações, em “As idealizações de sucesso no imaginário futebolístico brasileiro: um estudo de caso”. In: Alabarces, Pablo (org.) - *Peligro de Gol: estudios sobre deporte y sociedad en America Latina* - Buenos Aires, CLACSO, 2000. E mais adiante em “As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro”. In: Helal, R.; Soares, A J. e Lovisolo, H. (orgs.) *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
2. Isto pode ser comprovado nas matérias jornalísticas da época. Interessante notar a reconstrução da memória da Copa de 1970 nos jornais de hoje.
3. O enaltecimento da mídia ao técnico Luis Felipe Scolari na conquista da Copa do Mundo de 2002 é uma exceção nas narrativas das cinco Copas conquistadas pelo Brasil
4. Algumas das observações aqui apresentadas foram extraídas também, com algumas alterações, do artigo “Mídia, ídolos e heróis do futebol” publicado na revista *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2 , ano 2, CEFD/UFSM, 1999.
5. Sobre uma discussão a respeito da reprodução de narrativas da imprensa pela academia ver Soares (1998) e Helal e Gordon (1998).
6. Esta observação está calcada em depoimentos tomados pelo autor de pessoas ligadas ao universo do futebol.
7. Para uma análise sobre o modelo universal da figura do herói tendo como fonte de análise o filme *Herói por acidente* de Stephen Frears, ver Helal in Rocha (1998).
8. Uma versão ampliada da análise da biografia de Romário encontra-se em “Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário” trabalho apresentado na 11ª COMPÓS, UFRJ, 2002 (Publicação em CD-ROM).
9. Sou grato aqui ao meu ex-bolsista de iniciação científica da Uerj, Gerardo Catunda Martins Júnior, pela coleta do material impresso. A coleta foi feita sobre as matérias publicadas na seção de esportes do jornal O Globo.
10. No sentido weberiano da expressão, reunindo os traços dominantes, as características mais significativas de um sistema, uma “construção abstrata que o pesquisador faz no processo de apreensão de um fenômeno social, a partir de sua diversidade no real” (Soares, 1994).

11. Em entrevistas informais com alunos da Faculdade de Comunicação da Uerj que o têm como ídolo, todos amenizavam esta “sinceridade” ou “arrogância” com um “no fundo ele não é nada disso” ou “ele é muito simples e incompreendido”.
12. Mais uma vez, ver Da Matta(1979) e Soares (1994).
13. Apesar de que a metáfora vem perdendo força nas últimas décadas, como César Gordon e eu mostramos em outras ocasiões. Ver por exemplo “A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século XXI”. In: *Eco-Pós* Vol. 5, n. 1 – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro: UFRJ, 2002; “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century”. In: J. A. Mangan e COSTA, Lamartine (orgs.) *Sport in Latin American Society: past and present*. Essex: Frank Cass Publishers, 2002; “Futebol - mitos e representações do Brasil”. In: Villaça, Nízia e Goês, Fred (orgs.) *Nas Fronteiras do Contemporâneo: território, identidade, arte, moda, corpo e mídia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
14. Não estou com isso dizendo que a biografia de Garrincha fez mais sucesso do que a de Pelé. Apenas enfatizo a “glamourização” de uma biografia malandra em contraponto a uma outra mais ordeira, mas não necessariamente “caxias”.
15. Interessante notar que a rebeldia mais ao estilo “Macunaíma”, hedonista, “não gostar de treinar”, ser “preguiçoso”, vai dando lugar a uma rebeldia mais “politizada”, “denunciadora”. Para uma discussão mais detalhada desta transformação da rebeldia “Macunaíma” para uma “politizada”, ver Guedes (1995).
16. Ver por exemplo a matéria “Romário: sou um vencedor. Vou arrebentar nesta Copa” (O Globo, 16/06/94)
17. Esta expressão foi alcunhada pelo técnico da seleção brasileira de 1990, Sebastião Lazaroni, para exprimir o estilo de jogo que pretendia adotar na Copa do Mundo. Com a derrota do Brasil para a Argentina, a mídia “decretou” em diversas reportagens o fim da “Era Dunga”.
18. Ver Helal (2000).
19. Uma outra afirmação de Romário destacou-se no noticiário do dia 21 de junho de 1994: “foi uma estréia na Copa. Mas encaro todos os jogos como se fossem uma pelada” (O Globo, 21/06/94). Esta afirmação e o destaque dado a ela, lembrou, uma vez mais, Garrincha na Copa de 1958 onde ele teria dito que chamava todos os marcadores de “João”.
20. Ver por exemplo “Romário - Fico mais à vontade na hora de decidir” (O Globo, 13/07/94)
21. Percepções do autor baseadas no acompanhamento diário do noticiário esportivo no país.
22. O mais curioso é que Romário contribui ainda mais para o antagonismo das duas biografias ao declarar que “Zico nunca foi nada na seleção” (O Globo, 13/07/94). Esta e outras declarações de Romário em relação à Zico, aparecem ao longo da década de 1990, culminando com o corte do jogador da seleção em 1998. Mais curioso ainda foi o fato de Romário, após a Copa de 1994, ter jogado no Flamengo por quase 5 anos, clube que tem Zico como seu maior ídolo.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega, vol. 3*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BUCAR NUNES, Marcus Vinícius. *Zico: uma lição de vida*. Brasília: Offset Editora Gráfica e Jornalística, 1986.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COELHO, Maria Claudia e HELAL, Ronaldo. “A indústria cultural e as biografias de estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner”. *In: Cadernos Pedagógicos e Culturais v.5, n. –*. Centro Educacional de Niterói, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. “O carnaval como um rito de passagem”. *In: Ensaios de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GORDON, Cesar e HELAL, Ronaldo. “The Crisis of Brazilian Football: perspectives for the twenty-first century”. *In: J.A. Mangan e Costa, Lamartine (orgs.) Sport in Latin American: past and present*. Londres: Frank Cass, 2002.
- GUEDES, Simoni L. “O salvador da pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994”. *In: Pesquisa de Campo n° 1*, Núcleo de Sociologia do Futebol/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.
- HELAL, Ronaldo. “As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro”. *In: Helal, R., Soares, A J., Lovisollo, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____. “As Idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso”. *In: Alabarces, Pablo (org.) - Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedade en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- _____. “Campo dos sonhos: esporte e identidade cultural”. *In: Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.3, ano 3. CEFD / Universidade Federal de Santa Maria, 2000.
- _____. “As Idealizações do Sucesso no Imaginário Brasileiro”. *In: Logos n° 10*, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.
- _____. “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”. *In: Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2, CEFD/UFSM, 1999.
- _____. “Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia” *In: Rocha, Everardo (org.) Cultura e imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- _____. “Mídia, construção da derrota e o mito do herói”. *In: Motus Corporis*, vol. 5 n.2, Rio de Janeiro, UGF, 1998.
- HELAL, Ronaldo e GORDON, Cesar. “A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI”. *In: ECO Vol.5, n.1*, Rio de Janeiro: Publicação da Pós Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, 2002.
- _____. “Futebol – mitos e representações do Brasil”. *In: Villaça, Nízia e Góes, Fred. (orgs.) Nas fronteiras do contemporâneo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. *In: Estudos Históricos n. 23*, Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- MORIN, Edgar. *As estrelas de cinema*. Lisboa: Horizonte, 1980.

ROCHA, Everardo. "As Invenções do Cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do Tetra". In: Pesquisa de Campo n° -, Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ, 1996.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado defendida em novembro de 1998 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Inédito.

_____. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória: SPDC/UFESm 1994.

ZICO. *Zico conta sua história*. São Paulo: FTD, 1996.

Resumo

Apresentando resultados parciais do projeto "Meios de Comunicação, Idolatria e Cultura Popular no Brasil", apoiado pelo CNPq, o artigo se propõe a analisar duas biografias de ídolos do futebol brasileiro: Zico e Romário. O artigo conclui que a biografia de Zico, ao enfatizar o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se ao modelo de herói clássico. Este modelo é antagonônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas "oficiais" no Brasil. Aqui, temos frequentemente um ideal "essencializado" de seres "moleques" e "irreverentes". Já a análise da biografia de Romário, tendo como base principalmente o material jornalístico sobre sua trajetória na conquista da Copa do Mundo de 1994, demonstra como os recursos acionados pela mídia dimensionam aspectos relacionados à "irreverência" e à "malandragem", construindo um personagem singular da nossa cultura. As narrativas das trajetórias dos dois atletas falam de modelos antagonônicos de heróis cultuados em nossa cultura e nos mostram que as construções de suas biografias fazem parte de uma relação dialética entre as ações dos "objetos mitificados" - Zico e Romário - e o contexto social.

Palavras-chave

Esporte, mídia, idolatria.

Abstract

This article presents partial results of the Project "Media, Idolatry and Popular Culture in Brazil", granted by CNPq. It analyses two biographies of idols of Brazilian soccer: Zico and Romário. The article concludes that Zico's biography emphasizes success throughout discipline and work, configuring the pattern of the classic hero. The opposite pattern predominates in the construction of idolatry in the "official" narratives in Brazil. Here we have very often an "essentialized" ideal of "irreverent" and "undisciplined" human beings. However, the analysis of Romário's biography, mostly based on the press coverage about his performance during the victory of 1994 Soccer World Cup, shows that the media's narrative emphasizes qualities related to "irreverence" and "roguery", constructing a singular character of our culture. The narratives of the trajectory of both athletes concern about antagonist hero patterns of Brazilian culture and show us that the "construction" of their biographies is part of a dialectical relation between the acts of the "mythical objects" - Zico and Romário - and the social context.

Key-words

Sport, Media, Idolatry.